

R E V I S T A

VOZ

DA PALAVRA

Literatura que inspira!

Nº 32

Vol. 2

SETEMBRO
2026

FORTALEZA/CE
BRASIL

DESTAQUE DE CAPA

Clara Lêda

poeta e escritora

“
A poesia
transforma
sentimentos
em palavras
e o silêncio
em flores.”

Clara Lêda



POESIA



LITERATURA



CRÔNICA



ARTE



CULTURA

ISSN 3085-9026



9 73085 902608 8

ISSN 3085-9026

Revista VOZ DA PALAVRA



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Setembro de 2026 - Fortaleza /CE

EDITORES

**Gilson de Albuquerque Pontes
e
Pedro Blum de Moura**

Copyright © Revista Voz da Palavra

A verdadeira grandeza
não está em não errar,
mas em levantar-se
sempre que caímos
e escolher recomeçar
melhor.

Confúcio

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes

e **Vice-Presidente:** Pedro Blum de Moura

Revista: Voz da Palavra

Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes

Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes e Pedro Blum de Moura

Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura

Design e Diagramação: Gilson Pónthes

Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes

Colaboradores desta revista:

Redes Sociais: Site, Instagram, Facebook, Google e WhatsApp

NOTA

Todos os textos e imagens publicadas são de responsabilidade da revista.

A reprodução é permitida somente com autorização por escrito.

ONDE ANDA O DIÁLOGO?

“O diálogo é a ponte que une corações, constrói relações e fortalece a vida.”

Vivemos tempos em que a tecnologia nos aproxima e, ao mesmo tempo, nos afasta. Nunca foi tão fácil falar com alguém, e, paradoxalmente, nunca foi tão difícil ouvir de verdade. As conversas se tornaram rápidas, fragmentadas, muitas vezes virtuais. As palavras circulam em mensagens curtas, emojis e reações — mas cadê o olhar, o afeto, o calor humano?

Nas famílias, o silêncio tem se tornado presença constante. Cada um imerso em sua tela, em seu mundo particular, com fones nos ouvidos e olhos voltados para fora, esquecemos de olhar para quem está ao nosso lado. Onde estão os cumprimentos simples que aquecem a alma: bom dia, boa tarde, boa noite? Gestos pequenos que antes eram rotina e hoje se tornam raros, substituídos por uma ausência que machuca.

As reuniões, que antes reuniam pessoas ao redor de uma mesa, quase sempre são agora lives ou videoconferências. Práticas e necessárias, sem dúvida, mas frias. O convívio humano, que alimenta a empatia e a compreensão, está sendo substituído por interações digitais.

Estamos trocando presença por presença online, contato por conexão. E assim, aos poucos, perdemos a essência do encontro: a escuta, o toque, o sorriso compartilhado, o abraço.

É urgente resgatar o valor do diálogo verdadeiro. Não apenas falar, mas ouvir. Não apenas responder, mas compreender. É olhar nos olhos e dizer: “estou aqui para você”. É perguntar como foi o dia. É sentar juntos, sem pressa. É transformar casas em lares habitados pelo amor e pela atenção.

Que possamos, todos nós, fazer uma pausa nas telas e reabrir os canais do coração. Que o diálogo volte a ser ponte e não apenas ruído. Que as palavras recuperem o poder de unir, curar e transformar.

Que esta edição da Revista Voz da Palavra nos inspire a falar mais com o coração, a valorizar os silêncios que acolhem e a cultivar conversas que constroem pontes entre as pessoas.

Porque, no fim, é no diálogo que encontramos o outro — e a nós mesmos.

Boa leitura!

Gilson Pónthes
Editor-Presidente
Revista Voz da Palavra

Sumário

 BIOGRAFIA	06
 ENTREVISTA	08
 LIVROS JÁ LANÇADOS	14
 AMANTES DA POESIA	15
 ENTRE O CÉU E O MAR	16
 MANUAL PRÁTICO DO DESENTENDIMENTO À MESA	17
 LUTE PARA SER MELHOR	18/19
 À FLOR DA PELE	20



BIOGRAFIA

Clara Lêda de Andrade Ferreira é de Ubajara, cidade serrana que surgiu no alto de uma “Muralha de Aço”, na Serra da Ibiapaba. Neste mês de agosto de 2026, comemora seus 111 anos de emancipação política.

Seu avô materno, Francisco Cavalcante de Paula, foi um dos personagens marcantes da vida social e política da cidade. Foi o único ubajarense a receber a patente de Coronel, emitida pela Coroa Portuguesa. Seu pai, Antenor Isaías de Andrade, foi o primeiro odontólogo formado pela Universidade de Pernambuco a exercer a profissão na Serra Grande.

O Centro de Especialidades Odontológicas de Ubajara recebeu seu nome, e o Centro Cultural leva o nome de Raimundo Magalhães Júnior, sobrinho de seu avô e ubajarense que ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

A escritora Clara Lêda diz que a literatura sempre esteve presente em sua vida. Quando pequena, quase diariamente, ouvia histórias contadas por Sá Mariquinha e Sá Antônia. Elas se revezavam, comparecendo às residências para ganhar o almoço e, depois, na própria cozinha, narravam as mais encantadoras histórias sobre príncipes e princesas, dragões e soldados, lutas de tirar o fôlego.

Aos 6 anos, ganhou seu primeiro livro de histórias, que continha apenas cinco contos. Era um livro enorme, pesado para suas mãos pequeninas. As páginas eram de papelão amarelado, e as poucas gravuras, em preto e branco.

Nessa época, nasceu seu irmão. Nessas ocasiões delicadas, sua tia Araci a levava para dormir na casa do avô, que ficava esquina com esquina da sua casa. No dia seguinte, cedinho, a tia a levou para conhecer o irmãozinho.

A decepção foi enorme: o bebê tinha jeito e era a cara do irmãozinho da história inicial do livro, que, no final feliz, virava um príncipe lindo. Desde então, passou a buscar uma magia para corrigir a feiura do irmão.

Acredita que foi a partir desse momento que se iniciou na literatura, embora só tenha começado a escrever livros no final do século passado.

Ao todo, conta com sete livros infantis: Deu-se que um dia...; Juizita e sua turma na Gruta de Ubajara; Arranhãozinho; Baiá na terra de Zel; Arraial no Sítio do Meio; Aninha, a menina que dava conta de tudo; As histórias de um Marajá.

Romances: A Corrente e o Pingente, Prêmio Jáder de Carvalho; A Vidente da Casa de Pedra, Prêmio ETUFOR.

Poesia: ...à flor da pele.

Ainda este ano, pretende publicar um livro de contos e crônicas e o terceiro romance, A Cinderela do Jacarecanga.

Também tem participação em várias antologias, coletâneas, revistas e jornais, com algumas premiações.

É filiada a algumas academias: Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno; Academia Feminina de Letras do Ceará, da qual foi presidente por oito anos; Academia de Letras dos Municípios do Ceará, onde representa sua cidade, Ubajara; Academia de Letras Juvenal Galeno; e Terça-Feira em Prosa e Verso.

ENTREVISTA — CLARA LÊDA DE ANDRADE FERREIRA

Revista VOZ DA PALAVRA

RVP — Revista VOZ DA PALAVRA: Clara Lêda, você nasceu em Ubajara, uma cidade marcada por uma rica história familiar e cultural. Seu avô materno, Francisco Cavalcante de Paula, foi uma figura importante na vida social e política da cidade, e seu pai, Antenor Isaías de Andrade, foi um dos pioneiros da odontologia na Serra Grande. De que maneira essa herança familiar e ubajarense influenciou sua formação e sua trajetória como escritora?

CLAF — Clara Lêda de Andrade Ferreira: Penso que a literatura me acompanha desde meu nascimento. Acomodou-se num cantinho de meu coração e, muito cedo, passou a me instigar nos momentos oportunos. Aceitei de bom grado suas

motivações. Gostava.

Além do mais, a Ubajara de minha infância tinha um palco de vivências com respingos provincianos, semelhantes às demais cidades da época. Quando criança, no verão, brincava pelas ruas, calçadas, praças e quintais das casas no entorno da igreja.

As casas de meus pais e de meus avós foram erguidas em esquinas correspondentes. Em ambas havia jardim. As roseiras floriam aos cachos e suas cores eram singelas. De manhã cedo, acordava com seu perfume aromatizando o quarto.

No inverno, íamos para a fazenda, fugindo do rigor das chuvas e do frio. Por lá, o banho era em rio; o passeio da manhã era para tomar água de coco ou ir aos roçados, que deixavam

o chão coberto de melancias enormes.

Alguns domingos, quando não recebíamos visitas em casa, passávamos na casa de um parente ou amigo. Na noite de lua cheia, tinha drama. O palco era montado na varanda e os números artísticos eram apresentados pela criançada. Entre as apresentações, os violeiros tocavam e cantavam.

Nas duas ambientações, convivemos intensamente com a natureza. Agrego à minha paixão pela literatura a herança familiar e a rica ambientação dos espaços em que vivemos, sempre cercados de cuidados e carinho.

RVP — Revista VOZ DA PALAVRA: Você conta que, ainda criança, ouvia histórias narradas por Sá Mariquinha e Sá Antônia, com príncipes,

princesas, dragões e soldados. Aos seis anos, ganhou seu primeiro livro de histórias. Qual dessas primeiras experiências despertou, de fato, o desejo de transformar a imaginação em literatura?

CLAF — Clara Lêda de Andrade Ferreira: Considero três momentos distintos.

Primeiro, a influência que as histórias de Sá Mariquinha e Sá Antônia causaram em nós. Eram histórias tão fascinantes que, ainda hoje, já na condição de avó, fecho os olhos e vejo suas mãos magras, de pele rugosa, se elevarem para dramatizar as batalhas, como se praticassem uma dança.

Segundo, quando vim cursar o ginásio em colégio de freiras, em Fortaleza. A professora de Português sempre passava

uma tarefa de redação para ser realizada em casa, toda sexta-feira. Na segunda, ela sorteava duas alunas para que lessem suas criações.

Naquela segunda-feira, fui contemplada. Com segurança e muito feliz, fiquei em pé e li sem tropeços. Afinal, ao concluir o trabalho, ainda em casa, a história me comoveu tanto que fui às lágrimas. Esperei, no mínimo, um elogio e, no máximo, ver a sala inteira se emocionar. No entanto, ao concluir a leitura, ouvi o sermão:

— Tarefa de casa não pode ser feita por adulto.

Engoli a seco o coração e a risada das colegas. A inibição não permitiu defesa.

A terceira foi num fim de

semana, costumeiramente passado na casa de praia. Éramos quase vizinhos da casa de minha cunhada, mãe de Thays, que, além de sobrinha, era nossa afilhada.

Naquela noite de sexta-feira, Thays não largou minha mão; queria ir dormir comigo. Assim aconteceu a primeira noite longe dos pais, aos dois aninhos. Logicamente, traçamos alguns planos, caso necessário, pois ainda não contávamos com celular.

Em casa, deitamos numa rede e passei a fantasiar uma historinha que iniciei dizendo: “Deu-se que um dia...”.

Quando me dei conta, a história estava pronta e a pequena, de olhos bem abertos, queria que eu repetisse. Repeti, mas logo

ela adormeceu. Levantei e escrevi os tópicos: início, meio e fim.

Meses à frente, Thays sentava à mesa das autoridades para o lançamento do livro que me abriu a primeira porta.

RVP — Revista VOZ DA PALAVRA: Sua produção literária transita pela literatura infantil, pelo romance e pela poesia. Entre suas obras estão Deu-se que um dia..., Luizita e sua turma na Gruta de Ubajara, A Corrente e o Pingente e ...à flor da pele. O que muda em seu processo criativo quando você escreve para crianças, para adultos ou quando se dedica à poesia?

CLAF — Clara Lêda de Andrade Ferreira: São caminhos distintos.

Na história infantil, trabalha-se a fantasia e, nela, tudo é possível, como

atribuir voz aos animais; pela mágica, conserta-se o que está errado; podemos viajar pelo infinito sem deslocar os pés do chão.

Antes de iniciar uma nova história, costumo visitar parquinhos, recreios em escolas, observo o público-alvo, bato um bom papo com ele e trago lá de minha infância as contadoras que nos empolgavam e nos faziam acreditar em suas narrativas.

Para o romance, inicialmente, busco um objetivo para a história. O bullying, por exemplo, escolhi para desenvolver a história de meu terceiro romance, uma situação muito presente no meio social da atualidade, um problema que atinge todas as idades.

Planejo a atuação de cada

**personagem, como
surpreender o leitor, as
lições que irão servir de
aprendizado e
reconstrução de histórias
de vida. É um trabalho
moroso, não divide espaço
com gravuras, e a sucessão
de páginas e folhas se
assemelha a uma floresta,
preenchida, unicamente,
de ponta a ponta, por
parágrafos de letras.**

**A poesia, a meu ver,
explora nossos
sentimentos; portanto,
considero-a a pérola da
escrita. É comum o leitor
se identificar com o enredo
de algumas, daí o porquê
de se ouvir, tantas vezes, a
frase: "Minha identificação
com tal poesia foi integral;
parece até que foi feita
para mim".**

**Não existe poesia escrita
sem sentimento, porque o
sentir vem de dentro do
coração da alma que**

habita em nós.

**RVP — Revista VOZ DA
PALAVRA: Você mantém uma
forte participação na vida
literária e cultural,
integrando academias e
instituições, além de ter
presidido a Academia
Feminina de Letras do Ceará
por oito anos. O que
representa, para você,
participar dessas instituições
e contribuir para a
preservação e a divulgação da
literatura cearense?**

**CLAF — Clara Lêda de
Andrade Ferreira: À frente
de qualquer coisa, diria
pelo prazer de conviver
com pessoas que, em
comum, praticam a
literatura por vontade,
admiração e prazer.**

**Esse convívio possibilita
uma troca de informações
ricas, fazendo com que
todos cresçam. Outro item
importante é a motivação,
as ideias lançadas, até**

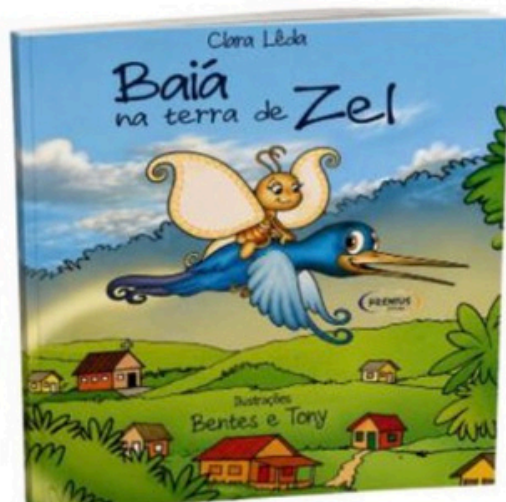
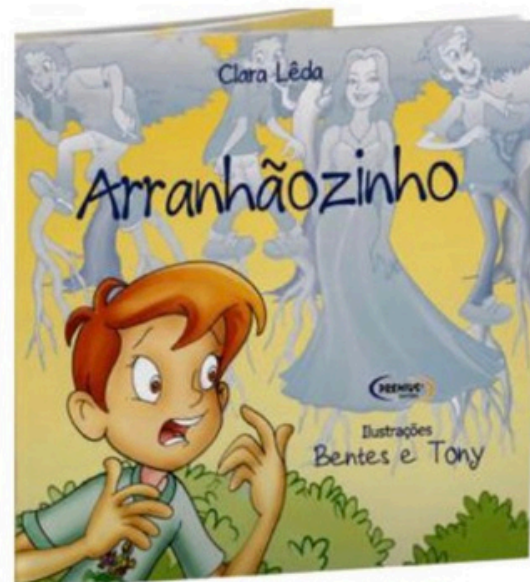
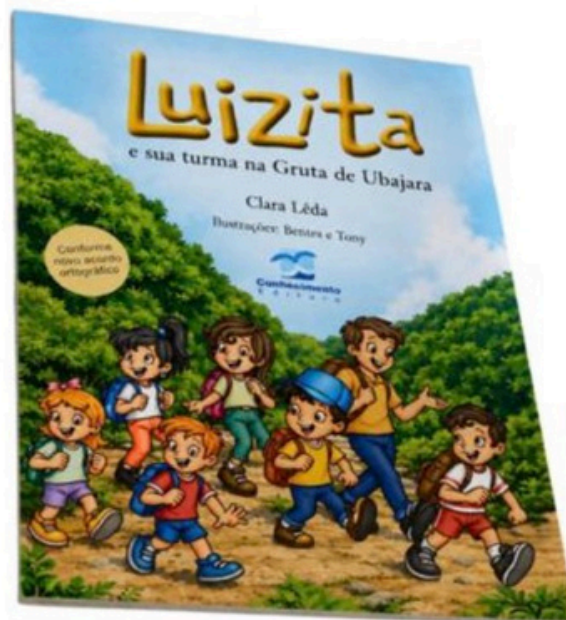
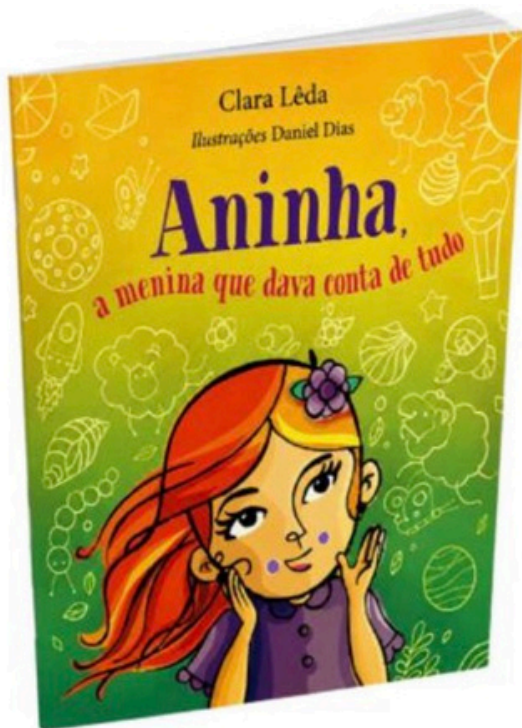
escolares. Deles, transcrevia partes e até lições inteiras dos livros de História, Geografia e textos de Português para o caderno, porque isso me auxiliava a fixar o conteúdo e exercitava a letra.

E, como tudo o que fazemos, o resultado depende do esforço pessoal, que se esforcem, aprimorem os meios para que a Literatura do nosso Ceará volte ao cenário da época gloriosa de José de Alencar, de Rachel de Queiroz, entre outros.



Clara Lêda





Livros já
Lançados

AMANTES DA POESIA

— Por Pedro Blum —

Para quem gosta de poesias,
Agora irei começar,
Falar de coisas boas,
De tudo melhor que há,
Cada verso construído,
Com certeza irá rimar.

O vento que venta lá
É o mesmo que venta cá.
Quem compra coisas caras
Fica difícil de pagar.
Abracemos o que é bom,
O que é ruim, deixa pra lá.

Quem concordar comigo,
Passe para o lado de cá.
Falo aqui de Fortaleza,
Capital do Ceará.
Quem namora beija muito,
Nunca para de amar.

Apaz é sempre necessária,
Tudo deve apaziguar.
Estude, trabalhe muito,
Aprenda, nunca esqueça,
Pois tudo o que começa
Um dia vai acabar.

Quem estuda ganha mais
Para boa vida levar.
O poeta falou tudo,
Agora vai terminar.

Aos domingos, vá à praia,
Tome aquele banho de mar.
Um churrasco apetitoso
Em casa não deixe faltar.
Convide sempre os bons amigos,
Uma boa amizade,
Para falar a verdade,
Devemos conservar.



Entre o Céu e o Mar

Na areia mansa de Guajirú,
o tempo aprende a silenciar,
e o coração, sem pedir licença,
começa devagar a escutar.

O céu bordado em nuvens leves,
como algodão que Deus soprou,
desenha sonhos sobre o mundo
e acalma tudo o que restou.

O mar, tão calmo, quase reza,
em ondas que sabem chegar
sem pressa alguma, como quem
veio apenas para amar.

As velas dançam no horizonte,
guiadas pelo sopro divino,
e cada cor que corta o vento
parece um traço do destino.

Nos coqueirais, o vento fala
segredos que ninguém mais diz,
e nas dunas, o sol repousa
como promessa de um dia feliz.

E ali, sozinho – mas completo –
o homem encontra o que é seu:
não só a beleza da praia,
mas o silêncio onde habita Deus.



GILSON PÓNTES

Manual Prático do Desentendimento à Mesa



Por Bernivaldo Carneiro

O café da manhã transcorria em paz. Frutas, pães, café recém-passado e uma travessa de ovos mexidos preparados por Esmeralda. Então, ela serviu meu prato, esperou a primeira garfada e perguntou:

– Ficou salgado?

– Um pouquinho.

Esmeralda pousou o garfo.

Tomou um gole de café.

E silenciou.

Percebi tarde demais que a pergunta não era culinária. Tentei corrigir:

– Mas o café está excelente.

Nenhum efeito.

– Pensando bem: os ovos não estão tão salgados assim.

A sentença já havia transitado em julgado.

Após alguns minutos, arrisquei:

– O que eu deveria ter respondido?

Ela levantou os olhos e cravou:

– A verdade.

Aliviado, completei:

– Mas foi exatamente o que fiz.

Veio então aquele sorriso que todo marido prudente aprende a temer – seguido desta afirmação:

– Pois esse foi o seu erro.

Desde então, aprendi que, no casamento, algumas perguntas procuram respostas – outras apenas escolhem o condenado.

LUTE PARA SER MELHOR

Não espere que o Universo mostre a trilha do caminho para você. O nosso Criador já te deu olhos e sabedoria para ver e compreender os mistérios da vida.

Lembre-se, conhecimento nunca foi um dom, ele sempre será uma conquista.

Conheça a si mesmo. Essa é a batalha que nenhum guerreiro pode travar pelo outro.

Não tenha medo de descobrir suas fraquezas, pois só aquele que as enfrenta pode transformá-las em força. O aço não nasce pronto para forjar a espada; precisa do fogo, do martelo e da vontade do ferreiro.

Toda dificuldade é um teste. Cada queda é um ensinamento. Cada decisão forja o destino que um dia você poderá ver com orgulho.

Na tradição nórdica, o verdadeiro valor de um homem não consiste em ele não sentir medo, mas em avançar apesar dele. A glória pertence àqueles que agem com honra e ética quando ninguém o observa.

Não procure ser melhor que os outros. Lute para ser melhor do que, quem você foi ontem. A maior vitória não é alcançada no campo de batalha, mas no interior de si mesmo, onde a dúvida, o medo e a determinação são enfrentadas.

Lembre-se de que o destino não é uma corrente que o aprisiona, mas um caminho que você percorre com cada uma de suas ações. Suas palavras, seus atos e seu caráter são as ações com as quais você vai escrever sua própria história.

Portanto, levanta-te, aprenda e persevere. Proteja aqueles que você ama. Mantenha sua palavra. Honre seus antepassados e torne-se alguém digno de ser lembrado pelas gerações futuras.

Pois o maior legado que você pode deixar até para si mesmo, não é riqueza nem fama. É ter despertado o poder que sempre habitou dentro de você.

Jose Rubens Venceslau



CURRICULUM VITAE

Jose Rubens Venceslau Silva, é cearense natural de Maracanaú/CE, e Funcionário Público Federal Aposentado. É formado em Ciências Jurídicas pela UFC, com pós graduação em Segurança Pública. É membro da ACE – Associação Cearense de Escritores, tendo exercido o cargo de Vice Presidente por mais 10 anos naquela Instituição. É membro da ALJUG - Academia de Letras Juvenal Galeno, titular da cadeira 33 e membro da AML - Academia Maracanauense de Letras, titular da cadeira 18. Suas principais obras destacam-se: Do Pensamento as Palavras – Edt. Premius 2014; Pássaros Neófitos – Edt. Expressão Grafica 2017; Toque de Acolher – Edt.Premius/ACE 2012 e Sinos dos Ventos – Edt. Premius/ACE 2012; tendo ainda sua participação nas Antologias e Coletâneas da ALJUG e da AML, além de colaborador do Grupo Chocalho.



2026

Nas noites de lua cheia
Da varanda vejo terra, lua e mar.
Toda a orla,
Do Porto das Dunas
À enseada da Prainha,
Cabe na tela.
A caneta que tenho às mãos
Chora ao rabiscar minha emoção.

20